

---

Tânia Tereza  
Medeiros de Carvalho

---

O CHAMADO  
Do Lixão de Aquidauana  
para o mundo

Ministério  
*Tânia Tereza*

---

Copyright 2019 por Tânia Tereza Medeiros de Carvalho.

---

#### **Dados da publicação**

Autor: CARVALHO, Tânia Tereza Medeiros de  
Título: *O chamado: do lixo de Aquidauana para o mundo*  
Rio de Janeiro: 2019  
236 páginas

---

As citações bíblicas utilizadas neste livro foram extraídas das seguintes versões: Almeida Revista e Atualizada (ARA); Almeida Revista e Corrigida (ARC); Nova Almeida Atualizada (NAA); Nova Versão Internacional (NVI) e NTLH (Nova Tradução na Linguagem de Hoje), visando incentivar a leitura das Sagradas Escrituras.

É proibida a reprodução total ou parcial do texto deste livro por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos etc.), a não ser em citações breves, com indicação da fonte bibliográfica.

Este livro está de acordo com as mudanças propostas pelo novo Acordo Ortográfico, que entrou em vigor em janeiro de 2009.

---

1ª edição: maio/2019

Ministério Tânia Tereza  
<https://pastorataniatereza.com/Home>  
[pastorataniatereza@yahoo.com.br](mailto:pastorataniatereza@yahoo.com.br)

Impressão e Acabamento:  
[www.kirios.com.br](http://www.kirios.com.br)

**Ministério**  
**Tânia Tereza**

# SUMÁRIO

---

|                     |    |
|---------------------|----|
| Apresentação .....  | 05 |
| Agradecimento ..... | 06 |

## **Parte I: RESGATADA E ESCOLHIDA PARA UM MINISTÉRIO SINGULAR**

|   |    |
|---|----|
| 1. Como Romeu e Julieta .....               | 09 |
| 2. O início de tudo .....                   | 11 |
| 3. Meus primeiros anos.....                 | 13 |
| 4. Infância saqueada.....                   | 17 |
| 5. Remédios e docinhos .....                | 21 |
| 6. O lixão de Aquidauana .....              | 23 |
| 7. Drogas, docinhos e... Abuso sexual ..... | 27 |
| 8. O sorvete na praça.....                  | 31 |
| 9. Vida nova à vista.....                   | 37 |
| 10. Meu presente de Natal .....             | 39 |
| 11. Grito de socorro.....                   | 45 |
| 12. À beira do abismo .....                 | 47 |
| 13. Nova identidade .....                   | 51 |
| 14. Novos desafios.....                     | 55 |
| 15. O verdadeiro amor .....                 | 61 |

## **Parte II: CHAMADA À MAGISTRATURA PARA COMPREENDER AS HERANÇAS ESPIRITUAIS**

|  |     |
|--|-----|
| 16. É preciso abrir o coração para o novo de Deus.....                   | 65  |
| 17. É preciso fechar as janelas abertas no mundo espiritual.....         | 75  |
| 18. Nada é automático na Cruz.....                                       | 87  |
| 19. Deus delegou à Igreja autoridade para guerrear contra as trevas .... | 99  |
| 20. O que acontece na família quando há derramamento de sangue?          | 107 |
| 21. A raiz de iniquidade .....   | 121 |
| 22. Tipos de herança espiritual .....                                    | 137 |

**Parte III: CHAMADA AO PASTOREIO PARA  
RESTAURAR FAMÍLIAS**

|   |     |
|---|-----|
| 23. O Deus que nos ama desde a eternidade .....   | 151 |
| 24. A Terra Prometida está preparada para receber nossa família.....                        | 165 |
| 25. Vença o gigante da orfandade .....  | 173 |
| 26. O conceito de família foi estabelecido no Éden .....                                    | 181 |
| 27. Desde o Éden, Deus fez dois serem um.....   | 189 |
| 28. Tempo de restaurar a família .....  | 197 |
| 29. A conversão dos pais aos filhos.....  | 203 |
| 30. A conversão dos filhos aos pais.....  | 215 |
| 31. O dia em que eu, Tânia Tereza, redescobri a paternidade e a<br>maternidade divinas..... | 225 |
| Conclusão .....   | 233 |

# APRESENTAÇÃO

---

O objetivo deste livro é compartilhar com os leitores a história de minha vida, meu precioso chamado e a grandeza das revelações que Deus, por sua infinita misericórdia, tem me dado. Também tenho como objetivo descortinar verdades do mundo espiritual que podem mudar histórias pessoais e familiares.

Creio também que a experiência que tenho tido ao longo de mais de três décadas, cuidando de pessoas e aprendendo cada vez mais sobre o mundo espiritual, deve ser compartilhada para o engrandecimento do nome do Senhor, pois Ele está no controle de minha vida e foi Ele quem me comissionou para essa preciosa missão. A Ele pois, toda honra, toda glória, todo louvor!

Tânia Tereza

# AGRADECIMENTO

---

Minha gratidão ao meu esposo, Pastor Otto, que  
apresentou-me Jesus, que me deu todo estímulo e  
condições para vencer os limites e galgar os lugares mais  
altos da vida profissional, que tem o coração mais lindo deste  
mundo e que tem sido incansável em me acompanhar no  
cumprimento de meu precioso chamado.  
Ele é o amor da minha vida!

# PARTE I

RESGATADA E  
ESCOLHIDA PARA  
UM MINISTÉRIO  
SINGULAR



1  
—COMO ROMEU  
E JULIETA

A pesar da grande diferença de épocas, nossa história começa igualmente trágica e romântica como uma das mais conhecidas da humanidade, a de Romeu e Julieta.

A obra de William Shakespeare conta a história de duas famílias, os Montechios e os Capuletos. A obstinada inimizade que herdaram dos seus antepassados era o palco de grandes tragédias. Contudo, o principal foco dessa dramática história eram seus herdeiros, Romeu Montechios e Julieta Capuleto. Eles se apaixonaram durante uma festa na casa dos Capuletos. Movidos por intensa paixão, casaram-se às escondidas. Mas, Romeu foi exilado por ter matado um Capuleto.

Desesperada pela possibilidade de ser obrigada a se casar com outro homem, Julieta forja a própria morte com a ajuda do padre cúmplice do casamento com seu amado. Contudo, Romeu não sabia desses planos e termina por se matar no túmulo da família Capuleto. Ao acordar, Julieta vê o seu amado morto e crava um punhal sobre seu peito. Então, ela morre sobre o cadáver de Romeu.

Na história real deste livro, os suicídios aconteceram em cidades diferentes e com casais diferentes.



2  
—

## O INÍCIO DE TUDO

Famílias igualmente abastadas, preconceituosas e vítimas dos seus próprios históricos geracionais produziram um ciclo de bancarrotas, vícios, adultérios e desagregação familiar, deixando para seus descendentes um legado de dores e traumas emocionais. Assim foram os meus antepassados.

Meus avós, paternos e maternos, eram religiosos, mas sem o conhecimento revelador de Deus. Eles não aceitavam a diferença social e exerciam abusiva influência sobre a família. Foi nesse contexto preconceituoso e dominador que eles rejeitaram os pares que seus filhos escolheram para amar. Dispostos a impedir o amor deles, criaram todo o tipo de obstáculo para impedir que realizassem o sonho de se casarem. Isso foi o estopim para uma desgraça: duas pessoas se suicidaram. Quase ao mesmo tempo e em cidades muito próximas, uma noiva e um noivo se mataram de forma trágica. Ela tomou veneno, e ele, que prestava o serviço militar, deu um tiro certeiro no coração.

Em 1946, no interior de Mato Grosso, hoje, Mato Grosso do Sul, a notícia se espalhou rapidamente. Bela Vista e Nioaque foram as cidades palco dessa tragédia em dose dupla.

Os pares do noivo e da noiva suicidas estavam feridos na alma e decididos a romper com a opressiva estrutura familiar que os sufocava. As-

sim que tomaram conhecimento da desgraça um do outro, resolveram se casar sem ao menos se conhecerem. O casamento foi celebrado por meio de uma procuração. E eles viriam a ser meu pai e minha mãe. Um representante dele, junto com ela, compareceu ao cartório e assinou o documento que os tornou marido e mulher.

Sem amor, sem relacionamento prévio, com motivações erradas e profundas marcas de sofrimento no coração, eles começaram uma família. Cada um deixou sua cidade e sua família e, juntos, foram morar em Aquidauana. Entretanto, não conseguiram deixar para trás o passado. O fantasma daqueles tristes episódios de suicídio os acompanhou por muitos e muitos anos.

Ele, que até antes da tragédia era um jovem com sonhos e projetos típicos da sua geração, tornou-se promíscuo e passou a frequentar prostíbulos, degradando-se de forma assustadora. Sua alma estava vazia. Ele se relacionava com prostitutas como se buscasse em cada uma preencher a lacuna deixada pelo amor perdido. Sem se importar com nada nem ninguém, perdeu inteiramente o senso de dignidade e autoestima.

Ela passou a usar altas doses de comprimidos para dormir e a frequentar centros espíritas. Ela acreditava que lá poderia entrar em contato com o seu noivo morto. Alienou-se de toda realidade e passou a dormir a maior parte do dia sob efeito de remédios fortes, para não ver o tempo passar.

## 3

## MEUS PRIMEIROS ANOS

Foi nesse contexto que eu nasci. Fui a primogênita desse casal conturbado, crescendo em um lar sem a menor estrutura de proteção, equilíbrio emocional ou respeito.

De vez em quando, meu pai se apaixonava por uma prostituta. Tirava a pobre jovem do prostíbulo e passava a viver em sua companhia, em outra casa, porém, na mesma cidade onde minha mãe residia. Mais tarde, já na adolescência, fiquei sabendo que isso havia acontecido pela primeira vez quando meus pais tinham apenas sete meses de casados. Nessa época, minha mãe estava grávida, aguardando meu nascimento.

E ele se foi inúmeras vezes. Arrumava suas malas e dizia para minha mãe: “Vou-me embora, encontrei uma mulher que amo e vou viver ao seu lado.” E ela, de maneira quase indiferente, respondia: “Ainda bem que você encontrou uma mulher para amar, pois o homem que amo está morto.”

Esses relacionamentos eram passageiros e ele sempre voltava para casa. Minha mãe o recebia como se nada houvesse acontecido. Entretanto, no meu coração de menina, uma nova e dolorosa ferida se abria a cada partida do papai.

Apesar de não ter grande percepção do que acontece à sua volta, uma criança sempre acaba sendo vítima e sofrendo as consequências do que acontece com seus pais.

Carência de afeto, necessidade de atenção, medo de perder definitivamente o convívio com meu pai e ausência do cuidado materno foram ingredientes favoráveis para que eu desenvolvesse uma terrível insegurança.

Meus primeiros anos de vida foram de um abandono desconfortante. Mesmo tendo pais e casa para viver, passava a maior parte do tempo tentando entender a minha rotina. E estas perguntas estavam sempre rondando a minha mente:

- Por que minha mãe dorme tanto?
- Por que meu pai some de vez em quando?
- Por que eu sempre brinco sozinha?
- Por que tudo em minha casa é tão diferente da casa do vizinho?

Nos fundos da minha casa, havia um depósito de água em desuso. Era chamado de *poço morto*. Tratava-se de uma antiga cisterna que abastecera de água potável a nossa casa no passado. Com a canalização de água em toda a cidade, aquela cisterna perdeu a função e foi transformada em um depósito de detritos. Diariamente, todo o lixo da casa era jogado naquele lugar.

Em decorrência do acúmulo de sujeira, aquele *poço morto* tornou-se o ambiente ideal para a proliferação de insetos, ratos, escorpiões e aranhas. Era comum encontrar dentro de casa aranhas vindas daquele lugar. Isso me era assustador! Ainda pequenina e com a mente imaginativa própria de criança, eu as via enormes, quase *monstros*, e ficava aterrorizada quando a empregada as queimava com álcool.

Esse medo, quase pavor, alimentava pensamentos fantasiosos em minha cabecinha. Deitada em minha cama, no escuro, eu imaginava que, em algum lugar do meu quarto, uma aranha enorme se escondia, à espreita, pronta para picar meu pezinho assim que ele tocasse no chão. Por causa disso, desenvolvi o hábito de urinar na cama.

Todas as noites, eu acordava com vontade de ir ao banheiro e chamava insistentemente por minha mãe. Entretanto, devido aos comprimidos que tomava e em doses cada vez maiores, ela não acordava.

Sem conseguir controlar aquela necessidade do meu organismo, embora acordada, eu acabava urinando em um dos cantos do colchão. Eu sempre preservava seco o meio, onde dormia encolhida, para não me encostar na parte molhada.

Isso também marcou minha infância, porque além do cheiro fétido que impregnava todo o colchão, eu sentia muita vergonha por urinar na cama. Perdi a conta de quantos colchões consegui apodrecer.

De vez em quando, eu mesma arrastava para o quintal um colchão manchado e molhado, para tomar um pouco de sol. Isso só piorava a situação, pois o cheiro se tornava ainda mais forte com o calor.

Mesmo sem avaliar com clareza o descuido que esses fatos representavam, eu desejava de todo o coração que alguém cuidasse de mim como as outras crianças eram cuidadas.

Essa rotina durou aproximadamente até meus nove anos. Foi quando a vergonha se tornou maior que o medo. Munida de uma lanterna que eu mesma havia comprado, passei a ter coragem de sair da cama para ir ao banheiro durante a noite.

Muito antes da minha *independência noturna* acontecer, aquele poço malcheiroso já havia se tornado um marco em minha curtinha vida.



## 4

## INFÂNCIA SAQUEADA

**E**u havia acabado de completar quatro anos quando meu irmão nasceu. Esse grande acontecimento encheu minha vida de alegria. Meu irmãozinho veio preencher meu tempo, suprir em parte minha necessidade de afeto e dar um novo colorido para minha infância. Ele era lindo! E eu o via como meu brinquedo. Meus pais continuavam da mesma forma. A chegada do bebê não mudou em nada a vida deles.

Certo dia, no final da tarde, quando a empregada já havia ido embora e minha mãe dormia em seu quarto, eu e meu irmãozinho ficamos brincando sozinhos no quintal. De repente, por um descuido meu, ele subiu na borda do tal poço e só não caiu naquele buraco fundo e imundo porque consegui segurá-lo pelas perninhas. Éramos apenas duas crianças, eu com seis anos e ele com apenas dois aninhos.

Em minha mente assustada vieram várias perguntas:

- Por que este poço está aberto quando os de toda a vizinhança foram tampados?
- Por que estamos sempre sozinhos?
- Por que ninguém cuida de nós?

Foi terrível o que senti naquele dia. Por muitos anos, toda vez que eu olhava para aquele lugar, sentia um frio na coluna e aquela lembrança desagradável ativava a minha memória emocional.

A partir daquele episódio, assumi o grande peso da responsabilidade sobre a vida do meu irmão. Fiquei convencida de que tinha de lhe dar proteção permanente e que, se não o fizesse, se descuidasse, algo de ruim poderia acontecer a ele.

Essa atitude saqueou minha infância. Quando eu mesma deveria receber o cuidado e a proteção dos meus pais e viver despreocupadamente cada fase da minha meninice, assumi um papel que não me cabia. Por isso, acabei amadurecendo cedo demais.

Quando ingressei na escola, aos sete anos, as coisas pioraram um bocado. No convívio com outras crianças, a comparação era inevitável. Elas tinham pais que as levavam diariamente até o prédio onde estudavam, enquanto eu sempre chegava sozinha. Dentro das suas lancheiras coloridas, elas levavam lanches elaborados e envoltos em bonitos guardanapos. Eu tinha de me contentar com um pão com manteiga dormido, enrolado em um papel de padaria. Enquanto o uniforme delas estava sempre limpo, o meu, cheio de manchas, era lavado apenas uma vez na semana.

Certa vez, no início do período escolar, meu pai estava ausente e o dinheiro que ele mandava mal custeava as despesas domésticas. O tempo de tolerância para os alunos comparecerem com os novos materiais, constantes de uma imensa lista, terminara. A direção da escola começou a enviar bilhetinhos de cobrança para os pais. Quando chegou o terceiro bilhete, avisando que sem o material solicitado eu não poderia mais assistir às aulas, minha mãe procurou uma solução alternativa.

Meu pai tinha um irmão que usufruía de boa situação financeira. Ele comprava e vendia boiadas e isso lhe dava uma boa renda. Morava bem e vivia como uma pessoa de classe média alta. Ele nunca havia nos procurado e não tínhamos relacionamento algum com ele nem com sua família.

Lembro-me até hoje daquela manhã em que, atendendo ao chamado da mamãe, ele entrou pela porta da nossa sala. Era muito parecido com papai e isso me impressionou. Sem ao menos se assentar, perguntou qual era o motivo daquele chamado. Como resposta, mamãe lhe en-

tregou aquela imensa lista e pediu a ele que comprasse o meu material escolar. Afirmando se tratar apenas de um empréstimo, ela garantiu que lhe pagaria assim que papai retornasse.

Dirigindo o olhar para mim, com voz áspera e sem vacilar, respondeu que somente os filhos de pais responsáveis poderiam estudar. Acrescentou que pagava escola e material escolar para seus cinco filhos e que não tinha obrigação de sustentar filho de mais ninguém. Para concluir, antes de virar as costas e desaparecer para sempre, afirmou: “Se você não tem dinheiro para comprar material escolar, tire sua filha da escola. Só estuda quem pode.”

Pela maturidade precoce, decorrente de tantas experiências desagradáveis, compreendi tudo o que aconteceu naquele dia e tive pena da minha mãe pela humilhação que ela sofrera.

Aquele foi apenas mais um relevante sinal de que a família do meu pai nada se interessava com o que acontecia conosco. Meu avô paterno faleceu antes do meu nascimento. Quando conheci minha avó materna, eu já havia completado oito anos.

Nunca recebemos a visita dos meus tios; meus primos queriam distância de nós. Éramos a *banda padre* daquela família.

Meus avós maternos, agora pobres pela bancarrota decorrente do alcoolismo do meu avô, em nada podiam nos ajudar. Eles mal conseguiam se sustentar.

Nesse tempo, comecei a experimentar sentimentos de discriminação, preconceito e humilhação. Embora a professora fosse uma freira, ela não poupava palavras de reprovação, expondo-me publicamente diante de toda a turma. Ora me chamava de burra, ora de porca, ora de estabanada.

Crianças que enfrentam problemas domésticos e que não contam com a orientação e a supervisão dos pais para executarem as tarefas escolares são grandemente prejudicadas no desenvolvimento escolar. Filhos que se arrumam sozinhos, que comem sozinhos, que se cuidam e ainda cuidam de irmãos menores facilmente saem de casa com o uniforme sujo de alguma coisa.

Eu desenvolvi um tique nervoso, que é uma reação involuntária resultante de traumas ou descontrole emocional. Sob pressão, eu afrouxava as mãos e, sem perceber, soltava qualquer objeto que estivesse segurando. Cada vez que a tal professora se aproximava para conferir a tarefa que eu não havia conseguido fazer, ficava apavorada, pois já sabia que mais uma sessão de humilhações iria começar. Nesses momentos, eu deixava cair o que tivesse nas mãos.

Eu não era burra, era apenas uma criança cheia de problemas, sem o suporte doméstico necessário para o meu desenvolvimento escolar. Eu não era porca, mas ainda precisava dos cuidados da minha mãe para estar sempre limpinha; afinal, eu era apenas uma criança! Também não era estabana, apenas ficava nervosa e insegura quando submetida a humilhação e vergonha.

Essa era a minha grande e triste verdade. Entretanto, o que prevaleceu em minha alma foram as mentiras que as figuras de autoridade da minha vida disseram sobre mim. O que me transmitiram ora com palavras, ora com gestos e ora com omissão irresponsável marcou profundamente minha identidade. Isso me fez acreditar que eu, verdadeiramente, era tudo o que ouvia ao meu respeito. Assim, assumi o papel que me deram.

A direção da escola enviou inúmeros bilhetes com reclamações, mas eles nunca foram lidos. Em meus boletins, durante aqueles anos, havia sempre uma curva sinuosa. Quando meu pai retornava para casa, ela subia indicando boas notas. Todavia, quando ele arrumava as malas e sumia, ela caía vertiginosamente, mostrando notas vermelhas e queda no rendimento escolar.

Repeti o ano pela primeira vez quando ele ficou por seis meses fora de casa. Aquele tempo pareceu interminável. Cheguei a pensar que ele jamais voltaria. Mais tarde, soube que ele ficou muito doente e que por isso teve de vender a casa onde morávamos. Fomos para um lugar distante, perto de um brejo, onde sapos coaxavam a noite toda.

## 5

## REMÉDIOS E DOCINHOS

O mesmo homem que dirigia o centro espírita frequentado por minha mãe era o farmacêutico que alimentava o seu vício. Ele lhe vendia remédios controlados sem exigir receitas médicas. Esse homem representava o *salvador* dela. Ele tanto dava o que o corpo dela pedia quanto o que sua alma buscava. A única coisa que a motivava a continuar viva era a esperança de um dia encontrar-se com seu noivo suicida.

Com o passar do tempo, entendi que a causa de tanto sono eram os remédios que eu mesma buscava semanalmente. Por isso, comecei a implicar com ela, reagindo com rebeldia todas as vezes que ia até aquela farmácia. Eu queria muito que minha mãe ficasse livre daquela dependência.

Contudo, havia em mim um sentimento que me deixava confusa. Ao mesmo tempo em que eu detestava aquela situação, também gostava muito de frequentar aquele lugar para buscar os tais comprimidos. Isso porque aquele homem era carinhoso e gentil comigo. Ele sempre me agradava com balas, pirulitos, chicletes, suspiros e muitos outros docinhos. Eles estavam sempre escondidos em uma gaveta, e, como em um passe de mágica, apareciam assim que eu me encostava no balcão.

Enquanto meu pai passava por mim sem me notar, aquele homem me elogiava e me olhava com alegria todas as vezes que eu chegava à sua farmácia. Enquanto eu rodeava meu pai como um cãozinho esperando um carinho que não recebia, as mãos daquele homem eram macias quando tocavam os meus cabelos. Ele, verdadeiramente, conquistou meu coração.

## 6

O LIXÃO DE  
AQUIDAUANA

**M**eu pai limitava-se a suprir as necessidades básicas de alimentação, vestuário, saúde e educação. Nada mais. Entretanto, crianças precisam de um pouco mais. Um presente de vez em quando, docinhos, brinquedos, revistas infantis e um passeio na sorveteria também podem ajudar no desenvolvimento dos pequeninos. As meninas, vaidosas desde a infância, precisam de presilhas de cabelo, bolsinhas, sandálias coloridas etc.

Descobri, por volta dos oito anos, que eu mesma poderia ganhar o dinheiro que me daria o que eu não recebia dos meus pais.

O lixão da cidade de Aquidauana era uma fonte de riqueza para mim. Colheres velhas, pedaços de cano, tampas de bule, fios de cobre e tudo que fosse de metal era transformado em dinheiro no ferro velho da cidade. Peças quebradas de cobre, bronze, ferro e até alumínio passaram a ter grande valor para mim. Hoje, o nome disso é reciclagem. Naquele tempo, eu chamava de *caça ao tesouro*.

Entretanto, não havia somente metais naquele lugar. Matéria orgânica em putrefação é o que atrai os urubus que sempre estão sobrevoando os lixões das cidades. E, ali, eles ficavam em bandos. Além disso, os lixos dos banheiros de toda a cidade eram atirados lá.

Sem cuidado com os pés e sem higienização adequada das mãos, as doenças foram inevitáveis. Micoses e verminoses eram constantes. O primeiro exame que fiz, aos quinze anos, detectou 18 tipos de vermes que me acompanharam desde aquele tempo. O médico que solicitou o exame, ao receber o resultado, afirmou com uma expressão de espanto: “Aqui tem espécies que somente conhecia pelos livros de medicina!”

Os sintomas de uma verminose daquela amplitude eram dores de cabeça constantes, barriga inchada, manchas na pele, tonturas etc. Nada agradável para qualquer pessoa, principalmente para uma menininha.

Lembrando-me daquele tempo e me *vendo* naquele lugar fétido e contaminado com todo o tipo de material em putrefação, reconheço mais um sinal de abandono. Meu pai estava sempre bem vestido e perfumado. Ele gostava muito de roupas claras, de puro linho. Estava sempre impecável!

Percebendo mais claramente essa contradição e à medida que entendia que nada referente à minha vida era importante para meus pais, fui desenvolvendo sentimentos ruins em meu coração. Invejava as crianças que viviam em lares ajustados. Tinha raiva do meu pai e culpava minha mãe por tudo que me acontecia. Eu pensava que se ela fosse normal, meu pai seria diferente.

Isso fez com que o meu coração se tornasse tão sujo quanto o lixão de Aquidauana. Perdi o respeito pelas pessoas e comecei a agir de modo a machucá-las. As empregadas ficavam pouco tempo na minha casa porque não me suportavam. Minha mãe dizia sempre: “Você é tão má quanto seu pai.” Então, uma vez que já havia assimilado totalmente mais esse decreto sobre minha vida, passei a tirar proveito dessa imagem de *menina má* em benefício próprio.

Perto da minha casa, havia uma fábrica de bebidas. Naquele tempo, as embalagens eram todas de vidro. Uma vez que, depois de lavadas, as garrafas podiam ser reaproveitadas, as fábricas compravam embalagens vazias para esse fim.

Encontrei um modo perigoso e fácil de ganhar dinheiro, bem mais limpo que o velho lixão, pelo menos no que diz respeito à sujeira física.

Fiz um rombo no muro dos fundos da fábrica e o camuflei com um amontoado de caixas. Ao final do expediente, quando os empregados iam embora, eu entrava por ali e, escondidinha, furtava as garrafas que já estavam armazenadas. Deixava passar dois ou três dias e as vendia para a própria fábrica, entrando com liberdade e desfaçatez pela porta da frente.